MENTE AFIADA

EXTRA

Mente Afiada Extra
- Ano 3, Nº 16
- Fevereiro, 2025

alto astral

R$ 9,90



ENSINO MAIS HUMANO

Conheça a abordagem pedagógica que modificou a maneira de conhecer o mundo

MONTESSORI

O Método que enfatiza liberdade, autonomia e estímulo sensorial

DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL

Como a psicologia colabora para um dia a dia mais mentalmente saudável para as crianças

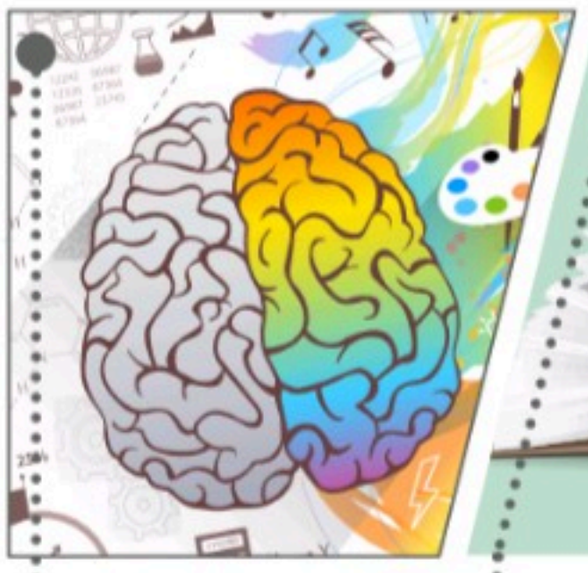
editorial

Mente em progresso

Há séculos pesquisadores desenvolvem pesquisas científicas sobre a mente humana e seus complexos sistemas. Tantas teorias e conhecimentos tentam explicar a relação entre cérebro e cognição, e mesmo estando longe de ter respostas definitivas, muito desse conhecimento ajuda neurologistas, psicólogos e educadores a desenvolverem e aprimorarem técnicas de aprendizagem, raciocínio, foco e outras funções relacionadas ao desenvolvimento humano. Nesta edição, falamos sobre neuropsicologia, área que estuda a relação entre o funcionamento cerebral e as funções cognitivas, e sobre os estudos da evolução do conhecimento e comportamento humano. Também trouxemos duas abordagens pedagógicas que estimulam a autonomia e o bem-estar da criança.

A Redação

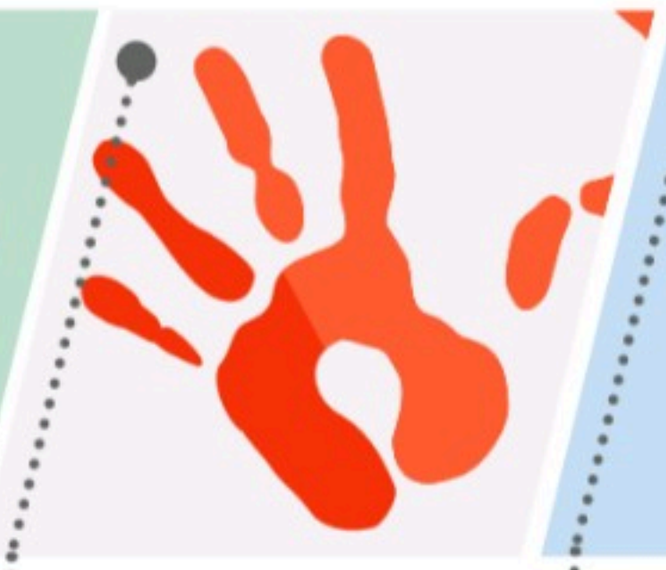
CAPA: PRODUÇÃO GRÁFICA Roberta Lourenço
FOTOS Lyudmyla Kharlamova e Kimama/ Shutterstock Images



NEUROPSICOLOGIA
Entenda a relação entre cérebro e aprendizagem



EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO
O desenvolvimento do comportamento humano



AO ALCANCE DAS MÃOS
Liberdade e autonomia para incentivar o desenvolvimento infantil



ENSINO MAIS HUMANO
Aprendizagem além do intelectual

sumário

NEUROPSICOLOGIA

Saiba mais sobre esta área da neurociência que estuda a relação da cognição humana com o funcionamento cerebral



Apesar do nome neuropsicologia indicar uma fusão entre os estudos da neurologia e da psicologia, esse campo de pesquisas tem suas próprias características. Segundo Camilla Monti Oliveira, psicóloga com aprimoramento e especialização em neuropsicologia no contexto hospitalar, essa área de atuação é compreendida como "um ramo das neurociências que vai buscar compreender como ocorre a relação entre nosso cérebro e o nosso comportamento".

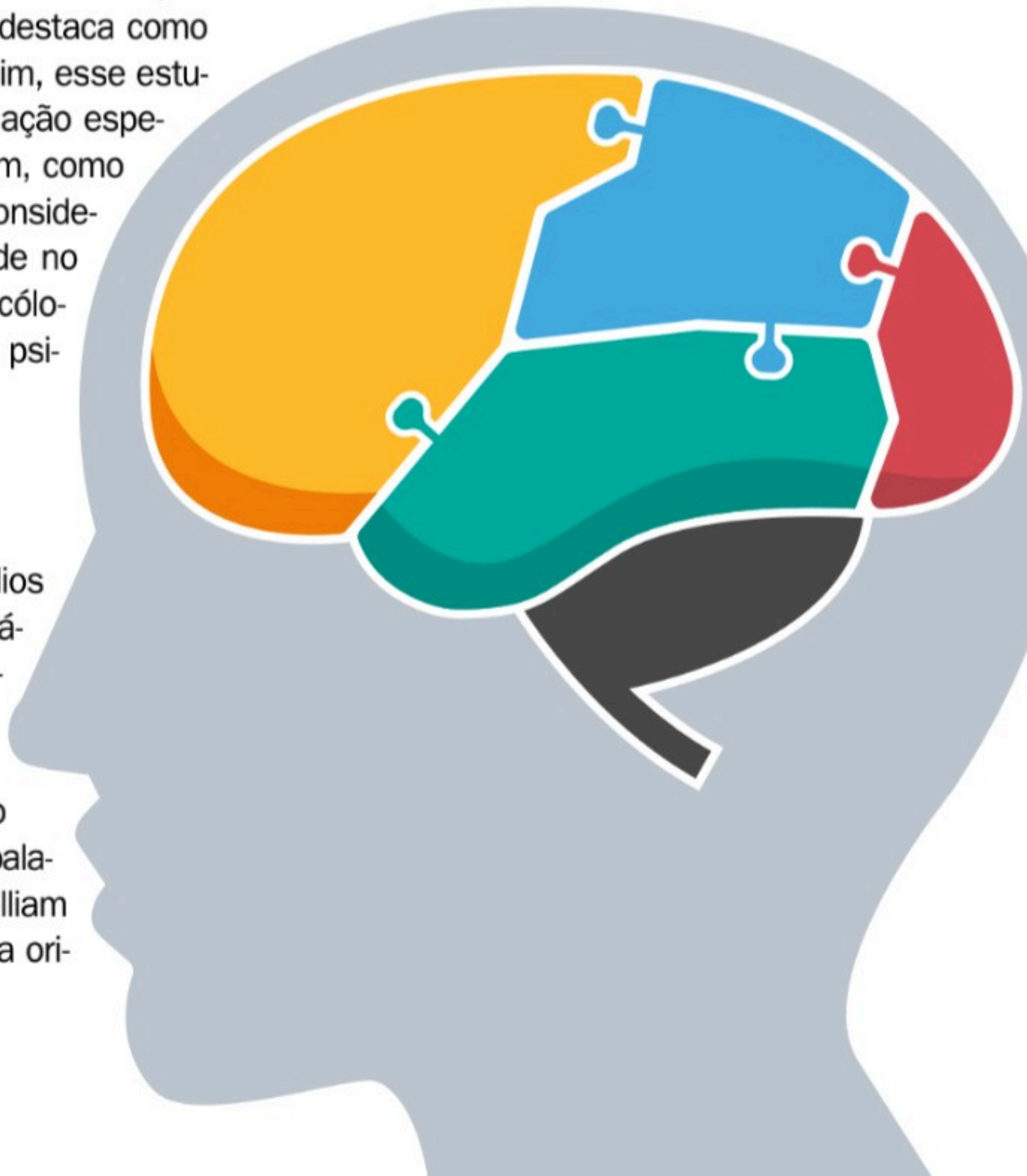
FORMAÇÃO

Por não ser apenas uma soma dos conceitos trabalhados na neurologia com os da psicologia, a neuropsicologia se destaca como um ramo à parte. Mesmo assim, esse estudo não existe enquanto graduação específica em faculdades, mas, sim, como especialização. "É uma área considerada multidisciplinar, apesar de no Brasil a maioria dos neuropsicólogos possuírem graduação em psicologia", ressalta Camilla.

EM BUSCA DE COMPREENSÃO

Quando se fala dos primórdios da neuropsicologia, existem vários nomes e uma linha cronológica extensa que podem ser relacionados ao tema. Isso porque, apesar de o termo ter sido utilizado pela primeira vez nas palavras do médico canadense William Osler, os registros remontam a origem desses estudos até o Egito Antigo, por volta do século 17 antes de Cristo. Tais informações, segundo dados históricos, encontram-se em um documento conhecido como Papiro de Edwin Smith, nomeado assim devido ao seu descobridor, um egiptologista estadunidense que o adquiriu em 1862. Neste papiro, doado para o museu *New York Historical Society*, nos Estados Unidos, encontram-se o que são considerados os primeiros registros sobre cirurgias da medicina.

Assim, apenas séculos depois os estudos da neurociência se aprofundaram na neuropsicologia, revelando vários nomes importantes na área, como o neurologista brasileiro nasci-



do em São Paulo Antônio Branco Lefèvre. Em 1950, o paulistano publicou sua tese sobre afasia infantil, condição caracterizada pela perda da fala devido a uma lesão cerebral. Em sua publicação, recorreu à neuropsicologia para estudar a ligação de tal deficiência cognitiva com o cérebro.

O nascimento desse campo de atuação, como explica Monti, "relaciona-se à neces-sidade encontrada por médicos de poder mensurar e buscar uma maneira de quantificar os danos causados, a princípio, por irregularidades neurológicas".

DIAGNÓSTICO

Uma das funções atribuídas ao profissional com domínio nesta área é a avaliação neuropsicológica. No método, como esclarece a psicóloga com especialização em neuropsicologia Ana Carolina Cruz, são utilizados "testes que analisam as funções cognitivas, como: atenção, memória, funções executivas, percepção, funções motoras, linguagem, entre outras. Além disso, são considerados aspectos emocionais (humor), se necessário, e a personalidade, relacionando com a manifestação do comportamento". Tal procedimento não é utilizado apenas em um contexto clínico, sendo necessário entrevistar familiares, amigos e até o próprio paciente a fim de se ter uma melhor perspectiva do quadro em questão. Nessa etapa são levados em conta fatores como: histórico pessoal (em casa, na escola e no trabalho, dependendo do caso) e familiar.

"Ao final do processo, é realizado um relatório neuropsicológico, em que estarão integradas as informações dos resultados de toda a avaliação e encaminhamentos sugeridos", afirma Ana.

Outro ponto importante é a realização do diagnóstico diferencial de possíveis transtornos mentais ou dificuldades cognitivas. Nessa técnica da medicina, a investigação ocorre por meio da eliminação de quadros com base nos sintomas do paciente para que, assim, o profissional encarregado chegue a uma condição específica.

Toda essa etapa se mostra fundamental pois proporciona uma maior precisão na identificação de determinados quadros relacionados à mente, evitando a formação de estereótipos. Como ressalta o neurocientista pós-graduado em neuropsicologia Aristides Brito, a avaliação ganha mais relevância por haver "uma grande quantidade de crianças sendo diag-

"Ao avaliarmos uma criança, aproveitamos essa janela de desenvolvimento, que é a melhor fase para estimularmos nosso cérebro, já que ele ainda está em formação. Assim, conseguimos bons resultados."

Camilla Monti Oliveira, psicóloga especializada em neuropsicologia

nosticadas como hiperativas ou depressivas sem ter uma base mais científica".

Então, a partir de toda a análise, o especialista faz o planejamento terapêutico, indicando o processo seguinte da neuropsicologia: a habilitação ou reabilitação.

A VOLTA POR CIMA

Com todos os dados do paciente reconhecidos pelo neuropsicólogo, o próximo passo é retomar a autonomia do indivíduo. Para tanto, com as funções prejudicadas e preservadas delimitadas, o especialista vai indicar quais tarefas a pessoa está apta a realizar e as que precisa de estratégia para retomar.

Uma criança que apresenta uma dificuldade atencional, com agitação dentro da sala de aula, exemplifica Ana Carolina, "memoriza minimamente o conteúdo passado pela professora ou tem dificuldade em escrever suas ideias". Com essas queixas em mente, a psicóloga explica que o profissional precisa saber dados como frequência, intensidade e momentos das ocorrências. A partir de tais informações, juntamente com a avaliação neuropsicológica e o relatório dos educadores envolvidos, serão passadas as orientações para os pais e a escola.

Por ser um processo de testes personalizado de acordo com os sinais de cada situação, os métodos traçados para a recuperação dos pacientes pode variar muito. "Por meio do conhecimento do especialista, levando em conta o estudo do quadro para o qual foi solicitada a avaliação, é que este vai determinar e verificar o tempo e materiais necessários para aquele caso específico", finaliza Camilla Monti.

CURIOSIDADE

Em diferentes áreas da medicina, existem casos que impressionam pelo diagnóstico e ganham destaque em livros, filmes e documentários. E com a neuropsicologia não é diferente. No livro *An Odd Kind of Fame* (*Um tipo estanho de fama*, em tradução livre para o português), é contada a história de Phineas Gage, um operário estadunidense que sobreviveu depois de, em um acidente de trabalho, ter seu cérebro e olho esquerdo perfurados por uma barra de metal. Após o ocorrido, o norte-americano começou a apresentar comportamentos diferentes dos seus habituais. Devido às lesões cerebrais e suas consequências na cognição, o quadro de Gage acabou tornando-se exemplar para os estudos neuropsicológicos.

CONSULTORIAS Ana Carolina Cruz, psicóloga com especialização em psicologia hospitalar pelo Hospital Israelita Albert Einstein (HIAE), em São Paulo, e em neuropsicologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP), especialista em neuropsicologia pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), formação em reabilitação neuropsicológica pelo Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e associada da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp - www.sbnpbrasil.com.br); Aristides Brito, neurocientista com pós-graduação em neuropsicologia e diretor do Marca Pessoal Treinamentos (www.minhamarcapessoal.com.br); Camilla Monti Oliveira, psicóloga, neuropsicóloga e supervisora clínica do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto–SP (HCFMRP-USP), com aprimoramento e especialização em neuropsicologia no contexto hospitalar | **FOTOS** Macrovector/ Shutterstock Images e Feelplus/ Shutterstock Images

Evolução do CONHECIMENTO

Entenda do que se trata a psicologia do desenvolvimento e sua importância na área psicológica e educacional



Responsável por teorias que revolucionaram a pedagogia e a educação, Jean Piaget nasceu na cidade de Neuchâtel, na Suíça, no ano de 1896. Especialista em psicologia evolutiva e no estudo de epistemologia genética, Piaget derrubou visões e teorias relacionadas à aprendizagem, dando início aos estudos que, posteriormente, ficaram conhecidos como psicologia do desenvolvimento.

As ideias do psicólogo e filósofo suíço podem ser percebidas na prática em diversos colégios ao redor do mundo. Suas teorias, que analisam a formação do conhecimento e buscam implantar um processo inovador que forme cidadãos críticos e criativos nos locais de aprendizado, defendem que o professor deve, além de ensinar, orientar seus alunos a encontrarem o caminho da aprendizagem autônoma.

ESTUDOS

Apesar de não existir um método Piaget, o psicólogo foi um dos nomes mais influentes na área da educação na segunda metade do século 20. Com formação primária em biologia, dedicou parte de sua vida em observar cientificamente o processo de como acontece a aquisição de conhecimento dos seres humanos, especialmente na fase infantil. Suas três filhas tiveram importante participação para o desenvolvimento de suas pesquisas, que demonstraram que as crianças não raciocinam como adultos. Suas descobertas, então aportaram a necessidade de uma abordagem educacional diferenciada ao lidar com indivíduos da fase infantil.

Segundo comprovações práticas do suíço, o conhecimento se dá por meio das descobertas que a criança faz e, no âmbito escolar, o aprendizado é uma construção do próprio aluno. O psicólogo alterou a teoria pedagógica de que a mente da criança é um "quadro branco" esperando ser preechido com conhecimento.

A PSICOLOGIA

Piaget descobriu, por meio de avaliações, que crianças da mesma faixa etária costumavam cometer erros parecidos, o que o levou a pensar que o raciocínio lógico se desenvolve de forma gradativa. "Segundo ele, durante o processo de desenvolvimento, o conhecimento evolui de forma progressiva por meio de estruturas cognitivas que substituem umas às outras em estágios", explica o psiquiatra Sérgio



Lima. Assim, a psicologia do desenvolvimento estuda os estágios da maturação corporal e a interação psicossocial do ser humano, ou seja, as mudanças e transformações que ocorrem nos seres humanos ao longo da vida. "Essa área de estudo da psicologia preocupa-se com os aspectos dessas mudanças e, dessa forma, contribui com uma melhor compreensão do sujeito como um todo", completa a orientadora educacional Miriam da Cunha.

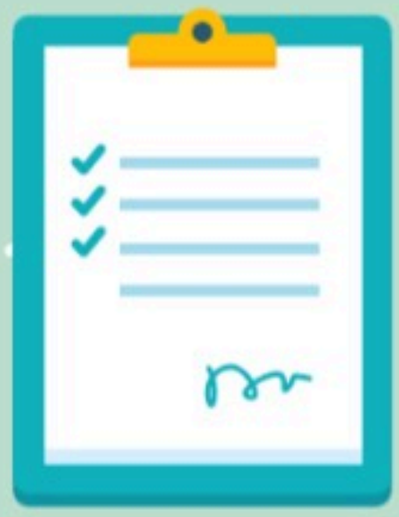
ASSIMILAÇÃO E ACOMODAÇÃO

Com o desenvolvimento de seus estudos, ficou claro para o psicólogo suíço que as crianças não raciocinavam como os adultos. Na verdade, elas se inserem, gradualmente, nos símbolos, regras e valores existentes em seus meios. Essa inserção, segundo Piaget, se dá por dois meios: a assimilação e a acomodação.

O primeiro mecanismo, a assimilação, consiste em integrar novos objetos ou informações exteriores a esquemas mentais que já existem. Por exemplo, se uma criança tem a ideia mental de uma ave como um animal que voa, tem pena e asas, ao visualizar um avestruz vai imediatamente assimilá-lo a um esquema mental que não corresponde exatamente ao que conhece – já que avestruzes não voam. A acomodação, por sua vez, trata-se da tendência de ajustar-se a novos objetos ou informações e, dessa forma, alterar a assimilação

Piaget descobriu, por meio de avaliações, que crianças da mesma faixa etária costumavam cometer erros parecidos, o que o levou a pensar que o raciocínio lógico se desenvolve de forma gradativa.









e as ideias mentais pela influência do meio externo. Seguindo o raciocínio do exemplo citado acima, após aprender que avestruzes não voam, a criança adaptaria o conceito generalizado de "aves" para incorporar as que não voam.

NA PRÁTICA

Segundo a psicóloga Mariana Marco, a psicologia do desenvolvimento é aplicada em diversos contextos. "Alguns exemplos são na área educacional, em clínicas, hospitais e empresas", cita a especialista. O conhecimento das fases da vida e das características de cada uma delas se torna base para inúmeras intervenções, seja qual for o ambiente.

No setor educacional é onde a teoria possui mais aplicação, uma vez que o planejamento do que e como ensinar implica em saber quem é o educando. "Cada aluno de uma sala de aula percebe, compreende e se comporta diante do mundo de formas específicas, de acordo com sua faixa etária", aponta Miriam. O tipo de linguagem que um professor vai usar para ensinar uma criança será diferente da expressão usada para falar com um jovem, por exemplo.



Além disso, para Piaget, o ato de educar deve ser comum ao de "provocar atividade", ou seja, deve ser realizado estimulando a busca do saber. "Os educadores devem estimular e favorecer o exercício mental do aluno, observando suas ações, identificando seu grau de desenvolvimento e quais são seus principais interesses", esclarece Sérgio. A partir disso, ele pode reunir metodologias que estimulem a todos alunos de forma igual, possibilitando, assim, a construção do conhecimento de cada um deles.

ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO

Segundo Jean Piaget, a aprendizagem das crianças ocorre em diferentes fases da infância. Em seus estudos, o biólogo e psicólogo suíço dividiu essas fases em quatro partes. Confira abaixo quais são elas:

- **Período sensório-motor** (de zero a dois anos): esta é a fase de desenvolvimento inicial da coordenação e da relação de ordem entre ações. A criança começa a aprender reflexos básicos; é uma fase anterior ao domínio completo da linguagem, desenvolven-



O conhecimento das fases da vida e das características de cada uma delas se torna base para inúmeras intervenções, seja qual for o ambiente.

do à percepção de si mesmo e dos objetos à sua volta. Segundo a orientadora educacional Miriam da Cunha, "é o período da diferenciação entre objetos e corpo".

• **Período pré-operatório** (de dois a sete anos): "a criança começa a desenvolver a capacidade e o domínio da linguagem. Inicia-se, também, a representação do mundo através de símbolos, assimilando suas ações por imagens", explica o psiquiatra Sérgio Lima. Este momento é famoso por ser a fase dos por quês, quando tudo é questionado ou necessita de uma explicação. Além disso, é quando a criança apresenta o egocentrismo, o sentimento de posse. Isso é latente em alguns casos, mas é possível perceber que, nesse período, ela é capaz de se colocar no lugar de outra criança ou outro ser humano", explica Sérgio. Segundo o especialista, é considerada uma fase muito importante na construção da personalidade da criança.

• **Período das operações concretas** (de sete a 12 anos): nesta etapa, o indivíduo está apto a aceitar o ponto de vista dos outros. Segundo Miriam, "a criança tem capacidade de classificação, agrupamento, reparação e reversibilidade de suas ações". A partir disso, atinge um nível cognitivo maior e a habilidade de discriminar o que é certo ou errado, por exemplo. "Neste momento é possível perceber, também, que a criança começa desenvolver conceitos como concentração, responsabilidades, noções de tempo, respeito com o próximo, organização, entre outros", completa Sérgio.

• **Período das operações formais** (de 12 anos em diante): este é o período transitório para a forma de pensar do mundo adulto. Como aponta Miriam, "é nesta fase que se forma a capacidade de raciocinar sobre hipóteses e ideias abstratas". O indivíduo passa a desenvolver um pensamento mais dedutivo, habilitando-o a experimentar o mundo de forma mais madura por meio da adoção de novos conceitos. Esse estágio é importante, segundo Sérgio, porque "é nele que se inicia a introjeção de aspectos morais e da percepção dos valores repassados pela família, dos princípios que são da comunidade onde vive e a construção do ideal de mudança e de colaboração para uma sociedade melhor", detalha o psiquiatra.



AS IDEIAS DE PIAGET

Segundo a psicóloga Mariana Marco, a psicologia do desenvolvimento, além de outros fatores, "explica porque uma sala infantil é colorida, com cadeiras pequenas, tapetes coloridos e decoração artesanal, e porque uma sala de pré-vestibular tem pouca estimulação (como as cores, por exemplo) nas paredes". Explica, ainda, como diferentes gerações podem se relacionar dentro de uma empresa. Para conhecer um pouco mais sobre as ideias desenvolvidas em suas pesquisas, selecionamos algumas citações do psicólogo e filósofo Jean Piaget:

- "A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas propõe".
- "O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas".
- "A inteligência é o que você usa quando não sabe o que fazer".

CONSULTORIAS Mariana Marco, psicóloga e mestre em psicologia do desenvolvimento e aprendizagem; Miriam da Cunha, orientadora educacional do ensino médio do Colégio Poliedro; Sérgio Lima, psiquiatra e especialista em psicologia social | **FOTOS** Black Jack/ Shutterstock Images, Puresolution/ Shutterstock Images e Universidade de Michigan (domínio público)

Ao alcance DAS MÃOS

O método Montessori surgiu da observação de uma médica italiana e hoje é aplicado em diversos países, visando a autonomia infantil

A médica e educadora italiana Maria Montessori, nascida em 1870, enfrentou os preconceitos da época para conseguir estudar. Mesmo assim, conquistou especializações em diversas áreas do conhecimento que resultaram no método pedagógico inovador que leva seu sobrenome. Naquela época, havia a crença de que crianças, principalmente as mais jovens, não seriam capazes de aprender. Por esse motivo, Montessori passou a vida pesquisando, testando e aplicando suas técnicas para provar que o desenvolvimento infantil existe e deve ser estimulado. Em poucas palavras, a teoria ensina a respeitar o pequeno e seu ritmo de aprendizado, prezando pela autonomia, exploração e curiosidade nessa etapa da vida.

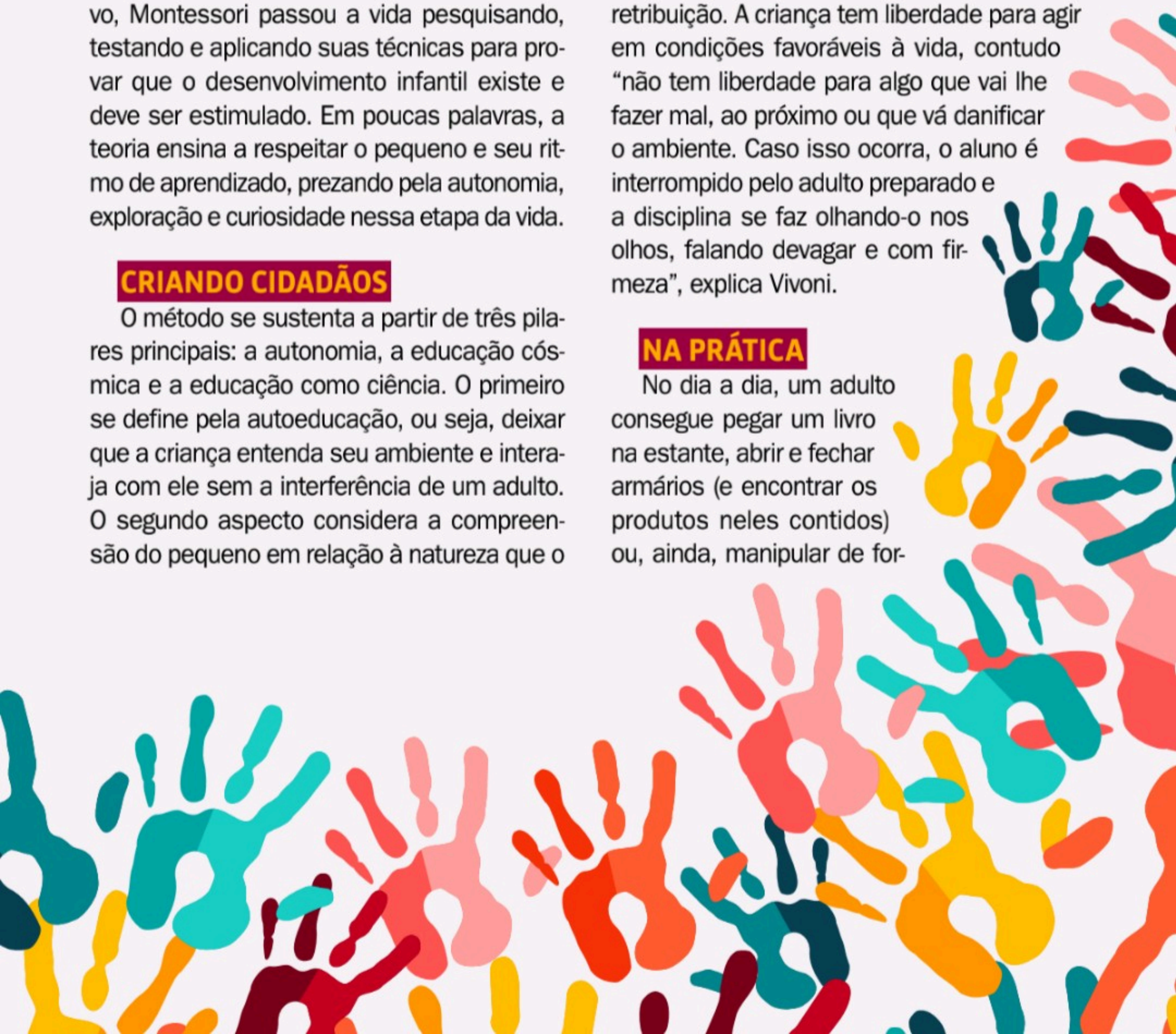
CRIANDO CIDADÃOS

O método se sustenta a partir de três pilares principais: a autonomia, a educação cósmica e a educação como ciência. O primeiro se define pela autoeducação, ou seja, deixar que a criança entenda seu ambiente e interaja com ele sem a interferência de um adulto. O segundo aspecto considera a compreensão do pequeno em relação à natureza que o cerca, seu papel nesse contexto e como melhorá-lo, uma vez que tudo e todos estão interligados. O terceiro pilar é o conhecimento experimental, levando a criança a explorar, indagar, criar hipóteses e testá-las.

Além disso, segundo a psicopedagoga Sandra Vivoni, a técnica não usa castigos, uma vez que essa atitude constrói medo e resistência – nem oferece recompensas – já que aprender e poder fazê-lo sozinho é a melhor retribuição. A criança tem liberdade para agir em condições favoráveis à vida, contudo "não tem liberdade para algo que vai lhe fazer mal, ao próximo ou que vá danificar o ambiente. Caso isso ocorra, o aluno é interrompido pelo adulto preparado e a disciplina se faz olhando-o nos olhos, falando devagar e com firmeza", explica Vivoni.

NA PRÁTICA

No dia a dia, um adulto consegue pegar um livro na estante, abrir e fechar armários (e encontrar os produtos neles contidos) ou, ainda, manipular de for-



ma eficiente os objetos nas mãos. Podem até parecer atos simples, mas a diferença é que o espaço está adaptado para o seu tamanho e necessidades. Para uma criança, pegar um brinquedo em cima da estante pode ser uma tarefa difícil e frustrante. Por isso, o ambiente é a chave para aplicar o método Montessori. Dessa forma, seja na casa ou nas escolas que utilizam a técnica, é preciso criar um local em que tudo esteja ao alcance dos pequenos, com móveis baixos ou utensílios dispostos no chão.

Além disso, o adulto que irá supervisionar os exercícios deve ser "um mediador e condutor da criança por suas experiências com o mundo, bem como fazer o indivíduo explorar atividades sensoriais e ter um perfil multidisciplinar", explica a psicopedagoga Luciana Brites. Os professores ou responsáveis devem agir como um guia, "observando o que atrai ou não o interesse da criança e como ela interage com os objetos", explica Sandra Vivoni.

A interferência do adulto pode ser feita somente quando a atividade oferecer algum risco à criança ou quando ela já explorou o suficiente aquela tarefa e está pronta para novos desafios.

DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O método Montessori "pressupõe partir das etapas de aprimoramento cognitivo, emocional e físico dessa fase da vida, disponibilizando atividades que otimizem o seu potencial, utilizando uma abordagem mais natural possível e aproveitando a realidade em que o pequeno vive", conceitua Luciana Brites. Com as atividades, é possível desenvolver pensamentos lógicos (ao resolver problemas e consertando erros), estimular a capacidade motora (ao explorar o ambiente), psicológicas (ao interagir com colegas de idades variadas e consigo mesmo), bem como o caráter social (ao incentivar autonomia e responsabilidades).



ATIVIDADES MONTESSORIANAS

Existem diversas formas de incluir os benefícios do método Montessori no dia a dia da criança. Desde o nascimento até a adolescência, é possível criar atividades que estimulem a autonomia e as capacidades cognitivas dos seus filhos. Confira algumas ideias fáceis e práticas:

1 Caixa sensorial

Para estimular a curiosidade e a capacidade de reconhecer objetos, pegue uma caixa de papelão e corte dois buracos na lateral (que encaixem os braços da criança). Assim, sem que o pequeno possa olhar, coloque objetos que ela já conheça dentro da caixa e deixe que adivinhe o que são.

2 Dedos na areia

Coloque em um recipiente areia colorida (própria para crianças e não tóxicas), deixando ao lado cartões com letras, números e imagens de objetos e animais para que o pequeno copie-os, desenhando com os dedos. É uma forma sensorial de ensinar a escrita.

3 Ensinando as cores

Recorte um círculo de cartolina, divida-o em várias partes e pinte cada espaço com uma cor diferente. Em seguida, pegue pregadores de roupa e escreva os nomes das cores em cada divisão (de preferência usando as respectivas cores) e deixe que seu filho relacione a fatia do círculo com um pregador.

4 Circuito

Para estimular a capacidade motora, você pode criar trilhas para seu filho em casa. Para aqueles que engatinham, disponha os móveis formando barreiras e coloque brinquedos ao longo do circuito. Assim, o pequeno será incentivado a ir ao próximo ponto. Para os mais velhos, cole fitas coloridas em diversos ambientes formando um caminho para que a criança ande sobre ela.

5 Quarto montessoriano

A decoração do cantinho da criança deve ser adaptada para que ela consiga fazer tudo sozinha, ou seja, a cama deve ficar a uma altura em que consiga subir e descer quando preferir, sem problemas. Além disso, em vez de prateleiras altas, monte estantes baixas para colocar livros e brinquedos ao alcance das mãos do pequeno, por exemplo.

CONSULTORIAS CONSULTORIAS Luciana Brites, psicopedagoga do Instituto NeuroSaber de Londrina(PR); Sandra Vivoni, psicopedagoga e professora de pedagogia do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), no Rio de Janeiro(RJ) | **FOTOS** Cienpies Design/ Shutterstock Images

Ensino
MAIS HUMANO

A abordagem Waldorf se baseia em atividades que trabalham para além do lado intelectual da criança, com enfoque no bem-estar do indivíduo



Arte e música. Esses campos poderiam ser facilmente encarados como disciplinas extracurriculares em uma escola com ensino tradicional. Porém, quando se trata da pedagogia Waldorf, isso não acontece. Esse sistema busca associar a educação à humanização dos alunos, preparando-os não somente para questões práticas, que envolvem a formação intelectual, como também a relação com o ambiente e com a sua formação individual.

MUDANÇAS DE PERSPECTIVA

Esse sistema pedagógico surgiu na Alemanha em 1919, quando o filósofo austríaco Rudolph Steiner foi recrutado pela fábrica de cigarros Waldorf-Astoria com a função de formar um sistema de ensino para os filhos dos funcionários. A partir desse pedido, utilizando-se da corrente filosófica antroposofia – criada pelo austríaco – Steiner procurou demonstrar como o conhecimento científico humano está associado a outros campos, que além do intelectual, como a parte física e a espiritual.

A abordagem Waldorf se reverberou no continente europeu (que encontrava-se devastado pela Primeira Guerra Mundial, encerrada um ano antes) e hoje está associado a diversas instituições do mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde, segundo a Federação de Escolas Waldorf no Brasil, há mais de 80 escolas de ensino ligadas a esse sistema.

O viés antroposófico fomenta os moldes para uma educação em que a construção do sujeito e da rotina escolar se associa à ideia de pensar, sentir e querer. Dentro dessa premissa, a psicopedagoga Luciana Brites comenta que um dos primeiros passos é o trabalho da parte física. “Chega-se às funções cognitivas superiores depois ter exercitado o sentido, o experimentar”, revela a profissional.

O processo de humanização está embasado na relação que a criança também estabelece com o ambiente e com o professor. Segundo Luciana, os profissionais devem estar correlacionados com os seus alunos, de modo que acreditem nesse modelo de ensino. “Na escola Waldorf, os educadores costumam acompanhar a classe por um tempo maior. Por vezes, lecionam de dois a três anos com os mesmos alunos, para, assim, terem um conhecimento aprofundado sobre eles”.

O método introduzido inicia-se na educação infantil e estende-se até o ensino médio. Nessa última fase, as matérias que constariam no processo seletivo do vestibular são ministradas de acordo com o método Waldorf. Algumas distinções, como a produção de peças teatrais, conferem o diferencial desse estilo pedagógico. Marina Calache, especialista em pedagogia Waldorf, acrescenta que, por exemplo, “no décimo segundo ano, o aluno escolhe um tema de seu interesse e o elege para pesquisá-lo durante um ano, levando suas análises diante de uma banca examinadora”.

A aprendizagem no sistema Waldorf compreende 12 anos inspirados pelas fases de formação cognitiva do ser humano. O uso dos sons das palavras é uma das formas de aprimorar as potencialidades de cada aluno, aderindo, portanto, ao modelo fonético de educação. Nele, os fonemas ajudam a construir o processo de escrita, e uma das práticas que revelam tal tendência é o desenho das letras, o qual auxiliará no aprendizado da leitura.

PAPÉIS DO EDUCADOR E DA INSTITUIÇÃO

O espaço é um dos pilares na formação pedagógica da criança. O contato com a natureza está em um dos preceitos desse sistema e, para isso, o ambiente costuma permitir o contato com a vegetação. Em relação ao material, as escolas Waldorf vão na contramão de instituições que enfatizam o potencial tecnológico.

O método de ensino incentiva o aluno a manter objetos tradicionais, como o caderno, que, costuma ser o maior instrumento para a criança. Tal fato é explicado pela au-

sência de livros didáticos. “A criança se torna participante desse processo de adquirir conhecimento; seu caderno é confeccionado não para ser um lembrete ou um repetidor do que o professor colocou na lousa, mas para ser seu produto de conhecimento. Seu caderno é também seu livro”, como explica Calache.

Uma figura presente no corpo de funcionários de instituições que seguem essa linha é o médico-pedagógico, que está presente para o monitoramento da condição física de alunos. “Prezamos e preservamos este momento da vida, permitindo o aprender como um fluxo bem natural, como o que ocorre numa casa. Cozinhar, cantar, brincar, pintar, plantar, desenhar, ouvir histórias, tudo isto é proporcionado num ritmo impulsionador de saúde”, comenta a pedagoga.

O profissional que atua na escola Waldorf mune-se de alternativas que condizem com a essência do sistema. O diálogo, por exemplo, faz-se sempre presente na relação aluno e professor e se estende ao contato com os pais.



PRIMEIRA FACULDADE COM SISTEMA WALDORF NO BRASIL

Inaugurada há poucos anos, a faculdade Rudolph Steiner no Brasil oferece o curso de pedagogia e se molda nos preceitos da corrente Waldorf para a formação dos profissionais, sendo essa marcada pelos preceitos humanísticos. Mas como isso é possível durante a graduação? As atividades vão de encontro com as possibilidades de experimentação com o ambiente e com o indivíduo, assim como apresentado pelo método aplicado em escolas de educação infantil, fundamental e média. Reconhecido pelo Ministério da Educação, o curso não possui o intuito de formar profissionais especialistas nessa corrente. As atividades seguem a base curricular de pedagogia mais tradicional no Brasil com o acréscimo de algumas disciplinas que possuem teor mais humanístico, como a dança e a poesia.

CONSULTORIAS Luciana Brites, psicopedagoga e cofundadora Instituto NeuroSaber; Marina Calache, especialista em pedagogia Waldorf e consultora pedagógica em escolas de educação infantil e fundamental | **FOTOS** Macrovector/ Shutterstock Images

MENTE AFIADA EXTRA
Ano 3, nº 16 - Fevereiro 2025

COORDENADORA DE REVISTAS DIGITAIS Hérica Rodrigues (herica.rodrigues@astral.com.br)
REDAÇÃO Ana Carvalho (ana.carvalho@astral.com.br), Ana Kubata (anabeatriz.kubata@astral.com.br), Fernanda Villas Bôas (fernanda.villasboas@astral.com.br) e Gabrielle Aguiar (gabrielle.aguiar@astral.com.br)
DESIGN Lilian Flaitt (lilian.flaitt@astral.com.br) e Roberta Lourenço (roberta.lourenco@astral.com.br)

Conteúdo produzido e publicado originalmente na revista: Mente Curiosa - Ano 4, Nº 86 - 2020

DIREÇÃO João Carlos de Almeida e Pedro José Chiquito
CONTATO atendimento@astral.com.br
ENDEREÇO Rua Joaquim Anacleto Bueno, 1-70, Setor M83-Jardim Contorno, Bauru-SP-CEP: 17047-281

alto astral editora
©2025 EDITORA ALTO ASTRAL LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO.

UMA PAIXÃO INESPERADA, UMA MORTE SUSPEITA E A INEXPLICÁVEL CONEXÃO ENTRE DUAS IRMÃS.

Quando sua irmã caçula morre, a empresária Emily se vê obrigada a pausar sua vida profissional para se isolar com a única sobrinha e o cunhado na fazenda da família. E lá, enquanto tenta reconstituir as últimas semanas de vida de Evelyn, Emily se aproxima do cunhado André e do jardineiro Juan, em uma investigação cheia de surpresas e desejo. Com a descoberta do diário de Evelyn escondido na casa de bonecas, Emily confronta o próprio passado, descobre o presente e reescreve seu futuro!

Já disponível na amazon

alto astral editora